



A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985) NO CINEMA.

George José Rodrigues de Melo¹

RESUMO

A escolha do tema – **A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985) NO CINEMA** – é sem dúvida um desafio. A época da Ditadura Militar brasileira é um período empemático da História brasileira, pois como ainda permanece na lembrança da população e muitos dos seus “membros” ainda estão vivos. Entretanto, sabemos que esse período caracterizou-se pelo centralismo e pelo autoritarismo, recorrendo frequentemente à repressão e á violência, a fim de se sustentar no poder. O Cinema desde sua criação é uma ferramenta didática de grande importância e para História um dos instrumentos de dinamizar o seu ensino. Ao fazer a junção entre Ditadura Militar brasileira e o Cinema percebemos que os filmes sugeridos (ARAGUAYA – A Conspiração do silêncio, BATISMO DE SANGUE, EM TEU NOME, LAMARCA, O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? e ZUZU ANGEL) são escolhas interessantes devido ao fato de se tratar de filmes que não são omissos quanto à violência e extremismo existentes durante a ditadura brasileira no período retratado, além disso, demonstrando de uma forma bastante sutil alguns aspectos da cultura e da vida cotidiana naquele período.

Palavras-chave: Longa-metragem, Autoritário, Tortura.

ABSTRACT

The choice of the theme – the **BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP (1964-1985) at the CINEMA** – is certainly a challenge. The era of Brazilian military Dictatorship is a empemático period of Brazilian history, since as yet remains in remembrance of the population and many of its "members" are still alive. However, we know that this period was characterized by centralism and authoritarianism, often resorting to repression and violence, in order to sustain itself in power. The Cinema since its creation is a didactic tool of great importance and History of the instruments of boost your teaching. To make the join between the Brazilian military dictatorship and the Cinema we realized that the suggested films (ARAGUAYA – the conspiracy of silence, the BAPTISM of blood, in **THY NAME, LAMARCA, É ISSO, COMPANHEIRO?** and **ZUZU ANGEL**) are interesting choices due to the fact in the case of films that are not silent as to the existing extremism and violence during the Brazilian dictatorship period portrayed. Furthermore, demonstrating a fairly subtle some aspects of culture and daily life in that period.

Keywords: feature film, authoritarian, torture.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduação em História pela Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata – Universidade de Pernambuco.

Especialização em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Secretaria Educação de Pernambuco.

Secretaria Municipal de Educação de São Lourenço da Mata.

George_2901@yahoo.com.br.



Falar sobre as relações entre história e cinema em um sentido amplo já não é mais novidade. Não é mais necessário defender ou justificar a importância dos estudos das imagens em movimento no campo historiográfico. Este já é um campo consistente.

Em várias introduções de trabalhos sobre o assunto podemos perceber a defesa da necessidade de estudar os filmes e a televisão a partir do ponto de vista da história. Parte dessa justificativa está no fato da história ser uma temática recorrente no cinema ao longo de toda sua existência.

Dentre as várias possibilidades de abordagem das relações entre história e cinema, vale ressaltar que o interesse desse trabalho recai sobre questões bastante específicas: o filme como uma forma de narrativa histórica.

A proposta metodológica desse trabalho é mostrar que pode ser possível através da exposição do filme, a importância deste tipo de documento que traz imagens que facilitam a compreensão do conteúdo passado.

Porém uma questão relevante é passar também é que não se deve considerar o filme como uma verdade histórica e sim uma representação.

Diante disso, esse artigo tem como finalidade compreender melhor esse processo a partir da análise dos filmes ARAGUAYA – A Conspiração do silêncio, BATISMO DE SANGUE, EM TEU NOME, LAMARCA, O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? e ZUZU ANGEL. Além de fazer parte da construção da memória histórica da sociedade brasileira.

Percebemos que o tema – Ditadura Militar – ainda está na nossa memória histórica, e que os filmes fazem parte resistência a um período obscuro da história brasileira. Ao mesmo tempo, é muito importante pensar nos filmes como instrumentos, através dos quais a História do período vai sendo escrita.

Diante da relevância do tema o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

a) O objetivo desse trabalho é demonstrar a possibilidade de trabalho com a utilização de filmes no ensino de História, no assunto pesquisado – Ditadura Militar Brasileira.

b) Mostrar que o cinema é uma das linguagens utilizadas da história:

- Destacar que o cinema pode ser uma interpretação do passado.

- Analisar os acontecimentos marcantes durante a Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985) estabelecendo sua ligação com cenas dos filmes.

As considerações aqui expostas partem de uma análise limitada no tempo e espaço e não pretende generalizações, apenas indicar algumas possibilidades de reflexão nessa área.

2. TEORIAS DE HISTÓRIA.

Uma escola de pensamento conhecida como Escola dos Annales formou-se em torno da revista "*Annales d'histoire économique et sociale*", fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, alargou o âmbito da disciplina, solicitando a confluência das outras ciências, em particular a da Sociologia, e, de maneira mais geral transforma a história ampliando o seu objeto para além do evento e inscrevendo-o na longa duração. Após o hiato da Segunda Guerra Mundial, Fernand Braudel continuou a editar a revista e recorreu, pela primeira vez, à Geografia, à Economia e à Sociologia para desenvolver a sua tese de "economia-mundo.

O papel do testemunho histórico muda: permanece no centro das preocupações do historiador, mas já não é o objeto, senão o que se considera como um útil para construir a história, útil que pode ser obtido em qualquer domínio do conhecimento. Uma constelação de autores mais ou menos próximos à "Annales" participa dessa renovação metodológica que preenche as décadas centrais do século XX.

Privilegiando a longa duração ao tempo curto da história dos eventos, muitos historiadores propõem repensar o campo da história a partir dos "Annales", entre eles Emmanuel Le Roy Ladurie ou Pierre Goubert.

"Nova História" é a denominação, popularizada por Pierre Nora e Jacques Le Goff, que designa a corrente historiográfica que anima a terceira geração dos "Annales". A nova história trata de estabelecer uma história serial das mentalidades, ou seja, das representações coletivas e das estruturas mentais das sociedades.

Como diz Funari (2008, pag. 71):

Epistemologicamente, a terceira geração pode ser definida pela ampliação de temas de pesquisa e pelo aporte interdisciplinar à história. Temas como morte, doença, alimentação, sexualidade, família, loucura, bruxaria, mulher, clima etc. são estudados ao limite a abertura da disciplina propugnada por Febvre e marcando a passagem quase exclusiva de preocupações socioeconômicas e demográficas em declínio para uma história mais antropológica.

A nova história, que, de certa forma, prossegue a linha de inovação dos Annales, repousa sua novidade em três processos: novos problemas põem em causa a própria história; novas contribuições modificam, enriquecem, transformam os setores tradicionais da história; novos objetos aparecem no campo epistemológico da história. A tomada de consciência, pelos historiadores, do relativismo de sua ciência, bem como o crescente desenvolvimento das demais ciências sociais, coloca-se no centro dessa busca de redefinição.



O primeiro teórico dessa geração dos Annales a relacionar, a teorizar e aplicar o estudo da chamada relação cinema-história foi Marc Ferro.

No seu livro *Cinema e História*, Marc Ferro faz uma leitura cinematográfica da história e uma leitura histórica do cinema, demonstrando as relações nem sempre pacíficas entre o cinema e a história.

Marc Ferro analisa o cinema como agente da história: os documentários, assim como as obras ficcionais, são nessa interpretação construções do discurso; manipulando-se a informação obtém-se um precioso instrumento de propaganda. Importante contribuição teórico-metodológica na utilização do cinema como fonte para a pesquisa histórica.

3. CINEMA

O cinema é a técnica de projetar fotogramas (quadros) de forma rápida e sucessiva para criar a impressão de movimento, bem como a arte de se produzir obras estéticas, narrativas ou não, com esta técnica. Compreende, portanto, uma técnica, uma forma de comunicação, uma indústria e uma arte.

Estabelecer marcos históricos é sempre perigoso e arbitrário, particularmente, no campo das artes. Inúmeros fatores concorrem para o estabelecimento de determinada técnica, seu emprego, práticas associadas e impacto numa ordem cultural. Aqui serão apresentados alguns, no intuito de melhor conhecer esta complexa manifestação estética a qual muitos chamam de a 7ª Arte. De fato, a data de 28 de Dezembro de 1895, é especial no que refere ao cinema, e sua história. Neste dia, no Salão Grand Café, em Paris, os Irmãos Lumière fizeram uma apresentação pública dos produtos de seu invento ao qual chamaram Cinematógrafo. O filme exibido foi *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*.

Para Bernardet (2009) sobre o cinema afirma, que nem seus próprios criadores, os irmãos Lumière, acreditavam no sucesso daquele aparelho inicialmente projetado para pesquisas científicas de movimentos. Quase um século depois, o cinema se transformou no mais fantástico criador de ilusões, cuja 'impressão de realidade' às vezes se presta à dominação ideológica e comercial.

4. A DITADURA MILITAR.

O golpe de 1964 instaurou o regime militar no país até 1985. Esse regime caracterizou-se fundamentalmente pelo centralismo e pelo autoritarismo que impôs aos brasileiros. Arbitrariedades e violência foram constantes no período. Esse modelo político deu ao Executivo amplos poderes, reduzindo a atuação do Legislativo e do Judiciário, transformados em poderes complementares e submissos.

Reis (2005) constrói a idéia de que uma ditadura parte a partir de construções históricas de sociedades concretas, apesar e para além das oposições e das resistências.

O regime estruturou-se entre 1964 e 1968, bloqueando gradualmente as possibilidades de participação política à maioria da população. Entre 1968 e 1974, o regime chegou ao máximo do fechamento político, iniciando-se a partir de então, em função de problemas socioeconômicos, o processo de abertura gradual do regime.

Os problemas econômicos herdados dos governos anteriores avolumaram-se nesse período. Por isso, os governos militares ofereceram abertura ao capital e às empresas estrangeiras, ampliando a internacionalização da nossa economia.

Executando-se a fase do chamado “milagre”, a economia brasileira passou por difíceis momentos, devido, especialmente, ao crescimento da dívida externa com seus elevados custos e da dependência de investimentos estrangeiros.

Os primeiros presidentes militares, Castelo Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967-1969) estruturam o regime, patrocinando o fechamento político. Castelo Branco autorizou inúmeras prisões, intervenções em sindicatos e organizações populares, além de cassações de mandatos de políticos.

Já Costa e Silva, diante da frequência e volume das manifestações, acentuaram-se o processo de fechamento político com a dissolução do Congresso Nacional e a edição, em 13 de dezembro de 1968, do Ato Institucional nº5.

Durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), apesar de certo desenvolvimento econômico, a ditadura fortaleceu-se. A paz interna era garantida mediante torturas e até desaparecimento nos cárceres destinados aos presos políticos.

A partir daí a crise econômica pôs em xeque o modelo militar, e o General Ernesto Geisel (1974-1979), deu início ao processo de abertura política. Dentro de seu projeto de abertura política, o presidente Geisel submeteu segmentos da chamada ‘linha dura’ do regime, substituindo, por exemplo, o comando do II Exército, Eduardo D’ Ávila Mello, por estar



envolvido na morte do jornalista e cineasta Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, assassinados em dependências militares de repressão.

O General João Batista Figueiredo, no seu governo greves e agitações políticas aumentavam por toda a parte e a liberdade de imprensa trazia à tona sucessivos escândalos financeiros envolvendo membros do governo. Diante dessa situação, Figueiredo não teve alternativa senão continuar o processo de abertura política.

Para Chiavenato (2004), “Torturas, violência política, mortes e perseguições a intelectuais, estudantes, artistas e trabalhadores são os ingredientes mais visíveis da ditadura militar a partir de 1964. Esses fatos foram alimentados por uma ‘realismo político’ que em poucos anos mostrou sua verdadeira face. Enquanto exaltavam o nacionalismo, os golpistas abriam a economia às multinacionais, criando a maior dívida externa do Terceiro Mundo. Enquanto proclamavam a ‘democracia ocidental e cristã’, perseguiam, proibiam, torturavam e assassinavam. Enquanto pregavam o moralismo, patrocinavam os maiores atos de corrupção.”

O fim da ditadura militar ocorreu em 1985 quando Tancredo Neves, candidato da Aliança Democrática, formada pelo PMDB e pelo Partido da Frente Liberal (PFL), venceu as eleições de forma indireta obtendo 480 votos contra 180 de Paulo Maluf (PDS), todavia, Tancredo não assumiu o cargo, pois, às vésperas de sua posse, foi hospitalizado, vindo a falecer em 21 de abril do mesmo ano. Seu lugar foi, então, ocupado pelo vice vitorioso, José Sarney (1985–1990), assim consolidava uma nova política civil no Brasil, denominada Nova República.

5. RELAÇÕES ENTRE CINEMA E HISTÓRIA.

As relações existentes entre a história e o cinema não são recentes, pois datam do surgimento deste, há um século. No entanto, o seu estudo mais aprofundado remonta há apenas três décadas e ainda se encontra longe de alcançar uma situação de relativo conforto no que concerne à formulação de um arcabouço teórico sólido. Todavia, avanços foram realizados, fixando alguns conceitos fundamentais acerca dessa relação, que não podem ser ignorados pelo historiador ou por qualquer cientista social que deseje pensar a história e o cinema dentro de uma perspectiva histórico-dialética. Alguns desses conceitos dizem respeito ao enquadramento do filme enquanto documento historiográfico e como discurso sobre a história.

Segundo Marcos Napolitano (In PINSKS, pag. 240-41, 2006):

Nunca é demais reiterar as três possibilidades básicas de relação entre história e cinema: O cinema *na* História; a história *no* cinema e a História *do* cinema. Cada uma das três abordagens implica uma delimitação específica: O cinema *na* História é o cinema visto como fonte primária para a investigação historiográfica; a história *no* cinema é o cinema abordado como produtor de “discurso histórico” e como “intérprete do passado”; e, finalmente, a História *do* cinema enfatiza o estudo dos “avanços técnicos”, da linguagem cinematográfica e condições sociais de produção e recepção de filmes.

No trabalho de Kornis (2008) lembra que “a utilização, do cinema e da televisão como fontes para o estudo da história têm sido em geral mais comentadas e aceita do que refletida”.

6. A ANÁLISE DOS FILMES.

6. 1. LAMARCA.

Carlos Lamarca foi um militar brasileiro, que “desertou” do exército durante a ditadura militar e se tornou um guerrilheiro comunista.

O filme *Lamarca* foi baseado na biografia *Lamarca: o capitão da guerrilha*, escrita por Emiliano José e Oldack Miranda, em 1980. Os biógrafos do capitão Lamarca realizaram sua pesquisa por meio de depoimentos, reportagens dos periódicos *Pasquim*, *Em Tempo* e *Coorjornal*, além da utilização dos relatórios do Exército.

A história do filme começa em dezembro de 1970, quando o ex-capitão do exército brasileiro e grande atirador Carlos Lamarca e seu grupo rebelde auto-denominado "revolucionários" negociam com o Regime Militar, que chamam de "Ditadura", a soltura de presos políticos em troca da vida do sequestrado embaixador da Suíça, mantido por eles em cativeiro. Trinta presos são soltos e a "repressão" aumenta a perseguição aos guerrilheiros, comandadas por um general do Exército e o delegado civil Flores (referência ao delegado da vida real Fleury), que se apresenta como o matador de Marighela e outros "subversivos" e não hesita em torturar seus prisioneiros para obter informações.

Os dirigentes do grupo de Lamarca querem que ele saia do Brasil, mas ele não aceita. Lamarca vai então para a Bahia, acompanhado da amante e também militante Clara, para se encontrar com os aliados da guerrilha Zequinha (José Campos Barreto) e seus irmãos. Eles o escondem em um sítio no interior do estado. Enquanto espera para se encontrar com os



demais guerrilheiros para organizarem um levante rurais, Lamarca lembra de momentos do seu passado, da experiência marcante de quando serviu como soldado da ONU no Canal de Suez que o fez se revoltar contra os "capitalistas", da sua mulher e filhos que enviara para Cuba e do campo de treinamento de guerrilheiros que criara no Vale do Paraíba em São Paulo.

No meio da tarde de 17 de setembro de 1971, uma equipe de agentes, integrantes da Operação Pajussara, localizou os dois militantes, que descansavam à sombra de uma árvore, perto do arruado de Pintada, município de Oliveira dos Brejinhos. À voz de prisão, tentaram sacar de suas armas. Uma série de tiros pôs fim ao ex-Capitão comunista e a José Campos Barreto.

6.2 ZUZU ANGEL.

Zuleika Angel Jones, conhecida como Zuzu Angel foi uma estilista brasileira, mãe do militante político Stuart Angel Jones e da jornalista Hildegard Angel.

Nos anos 70, seu filho Stuart Edgart Angel Jones, foi um militante do grupo guerrilheiro revolucionário MR-8, ativista comunista, foi preso e morto nas dependências do DOI-CODI. Foi preso no Grajaú (próximo à avenida 28 de Setembro), no Rio de Janeiro, em 14 de junho de 1971, por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), para onde foi levado, torturado e assassinado. O corpo de Stuart nunca foi encontrado.

A partir daí, Zuzu entraria em uma guerra contra o regime pela recuperação do corpo de seu filho, envolvendo até os Estados Unidos, país de seu ex-marido e pai de Stuart. Zuzu denunciou o assassinato de Stuart ao senador Edward Kennedy, que levou o caso ao Congresso dos Estados Unidos. A mãe do estudante morto entregou também ao secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger - quando este esteve no Brasil, em 1976.

Essa luta só terminou com sua morte, ocorrida na madrugada de 14 de abril de 1976, num acidente de carro na Estrada da Gávea – à saída do Túnel Dois Irmãos (RJ) – supostamente assassinada pelo exército devido às investigações que realizava por conta própria para desvendar o que realmente havia ocorrido ao seu filho. Essa é uma versão controversa, por não haver prova que o acidente que a vitimou foi provocado pela repressão. Inicialmente a comissão de anistia ao julgar o caso da morte de Zuzu Angel, considerou não haver prova que havia sido um assassinio, e sim considerou um acidente. Após forte





campanha dos meios de comunicação, liderada pela jornalista Hildegard Angel, filha de Zuzu, a comissão reviu sua decisão, concedendo indenização à família Angel.

O caso de Zuzu foi tratado pela Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, no processo de número 237/96, o governo brasileiro assumindo, em 1998, a participação do Estado em sua morte.

Zuzu Angel é um filme brasileiro de 2006, do gênero drama biográfico, dirigido por Sérgio Rezende.

Conta a história da estilista Zuzu Angel que teve seu filho torturado e assassinado pela ditadura militar. Ela também foi morta em um acidente de carro forjado pelos militantes do exército ditatorial em 1976.

6.3 O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?

O Que é Isso, Companheiro? é um livro escrito pelo jornalista, escritor e político Fernando Gabeira, em 1979, após seu retorno ao Brasil do exílio, e que conta sua experiência na luta armada contra a ditadura militar brasileira nos anos 1960, o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, sua prisão e posterior exílio na Europa durante os anos 1970.

O roteiro do filme O Que É Isso, Companheiro? foi parcialmente baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira, escrito em 1979. Lançado nos Estados Unidos da América com o título de *Four Days in September*, concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro daquele ano.

O enredo conta, com diversas licenças ficcionais, a história verídica do sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, por integrantes dos grupos guerrilheiros de esquerda MR-8 e Ação Libertadora Nacional, que lutavam contra a ditadura militar do país na época.

Alguns nomes dos personagens ligados à guerrilha foram trocados em relação a seus nomes verdadeiros no livro e na vida real.

Embora o sequestro do embaixador americano no Brasil por estudantes revolucionários ainda tenha poderosa ressonância no ideal dos brasileiros, a força do filme é seu equilíbrio. Embora não se possa negar que existe uma glamorização aos estudantes, o filme nunca perde de vista o fato de que se trata de amadores brincando com algo perigoso.

Mesmo os dois terroristas profissionais trazidos de São Paulo para controlar a nova célula não resistem a demonstrar condescendência.

No que lhes diz respeito, os cinco personagens que se dizem revolucionários protestando a repressão e o estreitamento do quadro de justiça social do governo militar brasileiro é diletante que não passaram ainda por uma prova de fogo.

Uma grande razão pela qual o incidente não termina de maneira mais sangrenta é que a polícia, embora servindo a uma ditadura militar e tendo um torturador entre seus membros demonstrou ter cautela.

O filme de Barreto é livremente baseado nas memórias escritas na Suécia dez anos depois por Fernando Gabeira um dos terroristas. A surpresa é o grau de tolerância dado a Alan Arkin para retratar a dignidade, inteligência liberal e simpatia do embaixador. É uma atuação emocionante, que impressiona sob todos os pontos de vista. Os estudantes, cujo idealismo em enfrentar um regime militar é corajoso, são retratados como motivados por instintos humanitários.

Pedro Cardoso, representando Fernando Gabeira, aparece como um fracote cuja inaptidão bem intencionada como motorista e atirador faz com que os outros o deixem para trás quando há perigo a vista. Mesmo assim, é ele que tem mais imaginação e alcance intelectual. É ele quem tem a idéia do sequestro, e os outros acatam sua habilidade como escritor e esperteza na manipulação dos meios de comunicação para dar voz a sua causa. É ele também quem desenvolve as duas únicas relações que existem no filme e que merecem ser mencionadas - uma que se refere ao relutante respeito mútuo envolvendo o prisioneiro que estão guardando e que ele espera não ser obrigado a matar, e outra mais sexualmente complicada com Fernanda Torres, sua companheira, mais dura e implacável do que ele, mas que, ao fim, chega a confessar-lhe seu medo, e a admitir mesmo que preferiria ser feita prisioneira do que ser morta em luta.

Num filme que inevitavelmente permite que uma teoria política artificial substitua a conversação, "O Que é Isso, Companheiro?" faz crescer a tensão com habilidade e credibilidade sem cair nos lugares comuns da violência dos filmes de ação emocionante. Embora simpatize com os ativistas de esquerda, Barreto não os admira cegamente, embora os faça mais simpáticos ao tornar aparentes seus defeitos e deficiências.

6.4. BATISMO DE SANGUE.



Batismo de Sangue é um filme brasileiro realizado em 2006 e lançado em 2007, dirigido pelo cineasta Helvécio Ratton. O filme é baseado no livro homônimo de Frei Betto que foi lançado originalmente no ano de 1983, e vencedor do prêmio Jabuti.

Na cidade de São Paulo, no final da década de 1960, o convento dos frades dominicanos torna-se uma das mais fortes resistências à ditadura militar vigente no Brasil. Movidos por ideais cristãos, os freis "Tito", "Betto", "Oswaldo", "Fernando" e "Ivo", passam a apoiar logística e politicamente o grupo guerrilheiro Ação Libertadora Nacional, comandado à época por Carlos Marighela. O grupo dissocia-se após uma conversa entre Frei Diogo e seus frades, onde conclui-se a necessidade de dispersão do grupo a partir de então.

Frei Ivo e Frei Fernando partem para o Rio de Janeiro, onde são surpreendidos e torturados por oficiais brasileiros que, acusando-os de traidores da igreja e traidores da pátria, perguntam por informações sobre o local de reunião do grupo para a posterior captura e execução de seu líder, Carlos Marighela. Após sofrerem cruel tortura, os frades informam aos policiais o horário e o local de reunião do grupo, onde Marighela costuma receber recursos oriundos da igreja. Marighela é então surpreendido e executado por policiais do DEOPS paulista, sob o comando do delegado torturador Fleury. Frei Betto, refugiado no interior do Rio Grande do Sul, é encontrado, preso, e une-se ao restante do grupo no presídio de Tiradentes, em São Paulo, em 1971. Os frades são posteriormente julgados e sentenciados a quatro anos de reclusão em regime fechado.

Frei Tito, então com 24 anos, foi o próximo dominicano colocado atrás das grades, capturado no próprio convento dos dominicanos. Cinco dias depois, frei Betto - hoje conselheiro pessoal do presidente Lula - também foi preso. Estava escondido no Rio Grande do Sul, ajudando opositores do governo a fugirem do país pela fronteira.

Dentre todos esses religiosos, é a história de frei Tito que o filme aborda com mais profundidade. Durante 42 dias, ele foi submetido ao pau-de-arara, a choques elétricos nos ouvidos e genitais, a socos, pauladas, palmatórias e queimaduras de cigarro, entre outras perversidades.

Em certa ocasião, foi-lhe ordenado que abrisse a boca para receber a "hóstia sagrada" (dois eletrodos com corrente elétrica). Teve a boca queimada a ponto de não conseguir falar. Tentou suicídio nessa época, cortando-se com uma gilete. Os militares, no entanto, o mantiveram vivo e sob tortura psicológica.

Em dezembro de 1970, Tito foi incluído na lista de presos políticos trocados por um embaixador suíço seqüestrado. Partiu para o exílio, em 1971 foi deportado para o Chile e, sob

a ameaça de novamente ser preso, fugiu para a Itália. Em Roma, não encontrou apoio da Igreja Católica, por ser considerado um “frade terrorista”. De Roma foi para Paris, onde recebeu apoio dos dominicanos.

Do Brasil, contudo, Tito não saiu sozinho. Levou consigo a lembrança obsessiva do delegado Sérgio Paranhos Fleury, seu principal algoz nos porões ditadura. Alucinava o espectro de seu torturador e sentia sua presença entre as árvores do convento de La Tourette – onde passou a viver. O delegado lhe dava ordens: não entrar, não deitar, não comer... Tito oscilava entre resistir e obedecer. Em 10 de agosto de 1974, atormentado por essa realidade, o frade enforcou-se em uma árvore nos arredores do convento. Foi enterrado no cemitério dominicano Sainte Marie de La Tourette, em Évieux. Em 25 de março de 1983, o corpo de Frei Tito chegou ao Brasil.

6.5 EM TEU NOME

Inspirado na história real do gaúcho João Carlos Bona Garcia, "Em Teu Nome", mostra dez anos da luta contra a Ditadura Militar brasileira de Boni, um estudante de engenharia de classe média. A produção parte do ano de 1969, momento em que o jovem entra para a luta armada, e vai até 1979, quando ele consegue voltar ao Brasil, graças à anistia.

Integrantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) de Porto Alegre, o grupo de Boni conta com Lenora, Onório, Higino e o professor, um ex-padre que deixou a batina para lutar contra o regime.

Depois de concordarem que é hora de pegar em armas, organizam ações de expropriação, ou seja, assaltos para manter economicamente a causa. Numa delas, eles são presos pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Na prisão, passam por interrogatórios e longas sessões de tortura. Uma esperança surge com o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher por militantes da VPR. Os amigos têm os nomes inclusos na lista de setenta presos políticos que serão trocados pela vida do diplomata. Assim, conseguem se exilar no Chile, em 1971.

A queda de Salvador Allende, então presidente do país, faz com que o grupo precise fugir novamente. A produção passa a acompanhar a saga de Boni e sua namorada, Cecília. Inicialmente, eles vão para a Argentina. Na sequência, o exílio os leva para Argélia e França. É em Paris que, junto ao Partido Comunista, Boni ajuda a formar o comitê pela anistia.

6.6. ARAGUAIA - A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO.

Araguaia - A Conspiração do Silêncio é um longa-metragem de ficção baseado em pesquisa empreendida pelo realizador e roteirista Ronaldo Duque sobre a Guerrilha do Araguaia, um importante episódio da história brasileira.

O Exército Brasileiro no auge da ideologia da segurança nacional, um partido de esquerda dissidente, militantes aguerridos (a maioria deles ainda jovens e inexperientes), inocentes camponeses e uma região onde a ambição e a miséria disputavam lugar palmo a palmo. Esse é o cenário de *Conspiração do Silêncio*.

Guerrilha do Araguaia foi um movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 60 e a primeira metade da década de 70. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), uma dissidência armada do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tinha como o objetivo fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no campo, baseado nas experiências vitoriosas da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa.

Combatida pelo exército a partir de 1972, quando vários de seus integrantes já haviam se estabelecido na região há pelo menos seis anos, o palco das operações de combate entre a guerrilha e o Exército se deu onde os estados de Goiás, Pará e Maranhão faziam fronteira. Seu nome vem do fato de se localizar às margens do rio Araguaia, próximo às cidades de São Geraldo e Marabá no Pará e de Xambioá, no norte de Goiás (região onde atualmente é o norte do Estado de Tocantins, também denominada como *Bico do Papagaio*).

Estima-se que o movimento, que pretendia derrubar o governo militar, fomentando um levante da população, primeiro rural e depois urbana, e instalar um governo comunista no Brasil, era composto por cerca de oitenta guerrilheiros sendo que, destes, menos de vinte sobreviveram, entre eles, o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), José Genoíno, que foi detido pelo Exército em 1972, ainda na primeira fase das operações militares.

A grande maioria dos combatentes, formada principalmente por ex-estudantes universitários e profissionais liberais, foi morta em combate na selva ou executada após sua prisão pelos militares, durante as operações finais, em 1973 e 1974.

O Exército Brasileiro descobriu a localização do núcleo guerrilheiro em 1971 e fez três investidas contra os rebeldes. As operações de guerrilha iniciaram-se efetivamente em 1972, tendo oferecido resistência até março de 1974.



Em janeiro de 1975 as operações foram consideradas oficialmente encerradas com a morte ou detenção da maioria dos guerrilheiros.

Pelo lado do exército, estima-se que pereceram dezesseis militares. O balanço oficial à época indicava sete guerrilheiros mortos. Em 2004, o Ministério da Justiça brasileiro contabilizava sessenta e um desaparecidos.

Segundo testemunhos, a maioria dos guerrilheiros capturados foi torturada antes de ser executada, e os seus corpos ocultados, numa espécie de *operação limpeza* promovida pelos militares a partir de 1975. Mais de cinquenta deles são considerados ainda hoje como desaparecidos políticos.

Desconhecida do restante do país à época em que ocorreu, devido à censura, nunca foi autorizada a publicação de detalhes sobre a guerrilha e sempre se afirmou que os documentos da operação haviam sido destruídos. Ernesto Geisel, após assumir o comando do governo do Brasil, também não autorizou a divulgação da existência de tal guerrilha, ficando desta forma a população brasileira alheia ao conhecimento dessa movimentação. Por isso, a única menção feita por Geisel a respeito da existência de um movimento guerrilheiro no interior do Brasil se deu em 1975.

Os detalhes sobre a guerrilha só começaram a aparecer cerca de vinte anos após sua extinção pelas Forças Armadas, já no período de redemocratização.

Um processo foi instaurado contra a União, em 1982, por vinte e dois parentes de guerrilheiros, que por meio dele pediram à Justiça que o Exército brasileiro apresentasse documentos para que pudessem obter atestados de óbito. Ocorre que, tendo os guerrilheiros atuado na clandestinidade, com nomes e documentos falsos, não foram localizados documentos comprobatórios dos óbitos.

Em 22 de julho de 2003, o Diário da Justiça publicou a decisão da juíza Solange Salgado, da 1ª Vara Federal do Distrito Federal, ordenando a quebra de sigilo das informações militares sobre a Guerrilha do Araguaia, dando um prazo de 120 dias à União para que fosse informado onde se encontram sepultados os restos mortais dos familiares dos autores do processo, assim como rigorosa investigação no âmbito das Forças Armadas brasileiras.

7. CONCLUSÃO

Através deste trabalho, procuramos demonstrar a inserção do cinema na História como um documento passível das intervenções da sociedade que o produz, e por isso, buscamos



fundamentação teórica para dar base a nossa pesquisa e utilizamos os principais trabalhos daqueles que estudam o cinema e suas relações com os fatos Históricos.

O cinema, ao tratar de um tema histórico, busca, por meio da narração de um fato, reconstruir o ambiente de uma determinada época, a partir de questões e problemas que são postos pelo momento de produção das imagens. Neste sentido, os realizadores dos filmes selecionados (ARAGUAYA – A Conspiração do silêncio, BATISMO DE SANGUE, EM TEU NOME, O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS, LAMARCA, O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? e ZUZU ANGEL) optaram por dar visibilidade à temática da ‘luta armada’ empreendida contra a ditadura militar instaurada em 1964.

O cinema pode e deve ser utilizado pelo historiador como fonte documental, esse novo campo não se constitui como algo melhor ou pior que nenhuma outra fonte existente e bem aceita entre os historiadores. É claro, assim como as demais fontes, o cinema possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao historiador se interar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo.

Cinema é manipulação e é essa sua natureza que deve ser levada em conta no trabalho historiográfico, com todas as implicações que isso representa.

REFERÊNCIAS

Livros:

AGUIAR, Eduardo da Costa. **Monografia: Início, tranquilidade e defesa**. 2. ed. Olinda: Livro Rápido, 2009.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GASPARI, Elio. **A Ditadura envergonhada**, volume 1. Coleção As Ilusões Armadas, São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

_____. **A Ditadura escancarada**, volume 2. Coleção As Ilusões Armadas, São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

_____. **A Ditadura derrotada**, volume 3. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia da Letras, 2003.



_____. **A Ditadura encurralada**, volume 4. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Avercamp, 2004.

JORGE, Fernando. **Geisel** – O Presidente da Abertura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: educação para as mídias**. São Paulo: editora do Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian. **Cinematógrafo** – Um olhar sobre a História. Salvador EDUFBA; São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____; BARROS, José D' Assunção. **Cinema-História: Teoria e representações sociais no cinema**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

PINHEIROS, Luiz Adolfo. **A república dos golpes** (de Jânio a Sarney). São Paulo: Best Seller, 1993.

PINSKS, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zshar Editor, 2005.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo** (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Artigos

AGUIAR, Marcos Alexandre. **Imprensa, cinema e memória**. Os filmes Lamarca e O que é Isso Companheiro? Na folha de São Paulo, no Estado de São Paulo e no Jornal do Brasil. Nº 35. 2007. 20.

AGUIAR, Marcos Alexandre. **Memória e cinema: Representações da Guerrilha no filme Lamarca** (1994). 2009.

AQUINO, Edineide Dias de. **Cinema em foco: Uma Abordagem Cinematográfica no Ensino de História**. p. 8.

AUTRAN, Arthur. **Panorama da historiografia do cinema brasileiro**. 2007. p. 14.

BORGES, Eduardo. **Cinema e história: O Encontro de Dois Mundos**. p. 7.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; STIGGER, Helena & BRENDLER, Guilherme. **A Estética realista dos filmes sobre a ditadura militar no Brasil**. Em Questão, n. 2, pag. 261 – 274. 2008.

JUNIOR, Celso Luis & TERUYA, Teresa Kazuko. **O Cinema, a resistência armada e a ditadura militar no ensino de história**. 2008. p. 11.



KORNIS, Mônica Almeida. **História e cinema: um debate metodológico**. Estudos Históricos, n. 10, pag. 237 – 250. 1992.

NOVA, Cristiane. **O cinema e o conhecimento da história**. Olho da História – Revista de História Contemporânea. Nº. 03. 1997. 14.

Filmes:

ARAGUAYA – A conspiração do silêncio, direção de Ronaldo Duque, 2004, Brasil, distribuição Paris Filmes, 109 minutos.

BATISMO DE SANGUE, direção Helvécio Ratton, 2007, Brasil, distribuição Downtown Filmes, 110 minutos.

EM TEU NOME, direção Paulo Nascimento, 2010, Brasil, distribuição Accorde Filmes, 90 minutos.

LAMARCA, direção de Sérgio Rezende, 1994, Brasil, distribuição Sagres/ Rio Filme, 130 minutos.

O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS, Direção Cao Hamburger, 2006, Brasil, distribuição Buena Vista, 104 minutos.

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? Direção de Murilo Salles, 1997, Brasil, distribuição Colúmbia, 105 minutos.

ZUZU ANGEL, direção Sérgio Rezende, 2006, Brasil, distribuição Warner Bros vídeo, 104 minutos.

